



DOSSIÊ



Ciência, Gênero e Movimentos Sociais:

a atuação do *Parent in Science*

Iasmin Ribeiro Diniz, *Universidade Federal de Lavras*

Mônica Carvalho Alves Cappelle, *Universidade Federal de Lavras*

Resumo: O objetivo desta pesquisa foi compreender como se deu o processo de criação do movimento social *Parent in Science* e quais ações foram e são desenvolvidas em apoio às mulheres mães e pesquisadores. Como embasamento teórico, utilizou-se a teoria dos novos movimentos sociais, que tem como foco o papel, a identidade e a cultura construída em torno do movimento. Os dados foram coletados por meio de entrevistas com duas fundadoras e pesquisa documental no *site* e nas redes sociais do movimento. O *Parent in Science* foi responsável pela realização de diversas ações e projetos com o objetivo de promover um ambiente acadêmico mais igualitário para as mulheres pesquisadoras. Seu impacto social e contribuição no ambiente acadêmico são muito representativos: o movimento garantiu a inclusão da licença maternidade no Currículo Lattes e colocou o tema em ênfase, tirando as mães da invisibilidade e garantindo que seus interesses sejam representados na academia.

Palavras-Chave: Movimentos Sociais. Relações de Gênero. Mães Pesquisadoras. Teoria dos Novos Movimentos Sociais.



Introdução

Os movimentos sociais existem na sociedade há um longo período de tempo, porém, seus objetivos mudaram de acordo com as necessidades dos indivíduos. Até o início do século XX, a definição do termo movimentos sociais tratava somente da organização e ação dos trabalhadores em sindicatos. A partir da década de 1960, o termo passou a ter uma consistência teórica e, do século XXI em diante, passou a ser tratado sob a perspectiva de ações coletivas, por surgir das lutas sociais (Goss; Prudencio, 2004).

Existem na sociedade diversos movimentos sociais que têm como objetivo discutir as vivências e trajetórias de um determinado grupo de indivíduos. Os movimentos sociais podem ser compreendidos como espaços políticos e de lutas (Goss; Prudencio, 2004), tendo o potencial de desenvolver uma sociedade que seja mais livre, democrática e igualitária (Laclau, 1986). Os movimentos sociais foram criados por grupos de indivíduos com valores e princípios em comum, que buscam por uma mudança social que gere melhorias ou na qualidade de vida de determinados indivíduos ou em determinadas áreas específicas de suas vidas. Fundamentado nesse entendimento, identificou-se a criação de movimentos voltados para diversas discussões sociais, como a luta das mulheres, dos negros, dos grupos indígenas, os confrontos contra um sistema político ou contra o Estado, o movimento de sem-teto e sem-terra, entre outros (Gohn, 2008).

Esta pesquisa teve como foco os movimentos sociais que discutem as relações de gênero. Os movimentos sociais que atuam nessa perspectiva surgiram por meio do movimento feminista, luta que permitiu às mulheres o alcance de direitos e da justiça de gênero, conquistando medidas relacionadas à educação, ao trabalho e à participação política. Brabo (2015) indicou que essas lutas buscaram uma igualdade entre os gêneros em todas as esferas, de forma a influenciar o desenvolvimento de políticas públicas. O movimento feminista apresentou uma crítica contra a desigualdade existente entre os gêneros, desenvolvendo ações de luta pelos direitos das mulheres, questionando a posição da mulher na sociedade e os privilégios de um determinado grupo de mulheres em detrimento de outro (Santos, 2011).

As mulheres que atuam como cientistas, pesquisadoras ou que se dedicam à realização de uma pós-graduação *stricto sensu* possuem demandas específicas em relação ao movimento feminista. Machado-Taylor, White e Gouveia (2014) afirmaram que elas encontram obstáculos culturais, políticos, organizacionais e sociais que as impedem de progredir na carreira acadêmica dentro do ensino superior. Esses fatores podem ser identificados no Brasil por meio dos dados disponibilizados na plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que indicam que 61,41% das bolsas produtividade foram destinadas aos acadêmicos do gênero masculino (CNPq, 2024a).

Morón (2018) e Candido (2023) indicaram, ainda, que as mulheres alcançam em menor escala os cargos mais altos das universidades e, que esse contexto, é uma realidade mesmo com as mulheres sendo maioria nos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, já que somam 53,83% dos mestrandos e doutorandos brasileiros (CNPq, 2024b). Esse cenário evidencia que seguir carreira acadêmica é difícil para as mulheres, que se veem divididas entre focar na carreira e constituir família, precisando conciliar a defesa da tese de doutorado com seu período fértil, o que geralmente acontece entre os 30 e 40 anos. Quando decidem tentar ambas as coisas, ficam profundamente sobrecarregadas, já que são socialmente vistas como as principais responsáveis pela criação dos filhos e pelas atividades domésticas (McEntyre; Shiver; Richards, 2022; Tarakanovskaya, 2022).

O *Parent in Science* é um movimento social presente na academia que atua com o objetivo de promover apoio às mulheres pesquisadoras e mães. Sua missão é apoiar mães na ciência, propondo políticas de apoio e estabelecendo ações e programas em todo o Brasil. Esta pesquisa abordou esse movimento em específico, tendo como objetivo compreender como se deu o processo de criação do movimento social *Parent in Science* e quais ações foram e são desenvolvidas em apoio às mulheres e mães pesquisadoras.

O *Parent in Science* surgiu com o intuito de levantar a discussão sobre a parentalidade no ambiente acadêmico e científico. Suas ações foram iniciadas para preencher um vazio de dados e de conhecimentos sobre uma questão fundamental: o impacto dos filhos na carreira científica de mulheres e homens (Parent in Science). Justifica-se o foco no *Parent in Science* em razão do trabalho realizado pelo movimento, que garante apoio às mulheres cientistas por meio de diferentes ações



que têm impacto em suas trajetórias, permitindo que elas atuem no ambiente acadêmico com as mesmas oportunidades que seus colegas homens.

Os movimentos sociais interconectados com as relações de gênero

Até o início do século XX, os movimentos sociais tinham uma definição imprecisa, sendo compreendidos como sindicatos de trabalhadores que desenvolviam ações em torno da luta de uma determinada categoria de trabalho (Goss; Prudencio, 2004). A partir da década de 1960, os movimentos sociais passaram a ser discutidos como objetos da sociologia (Goss; Prudencio, 2004). Após os anos 1960, os movimentos sociais passaram a ter objetivos mais claros, tendo como ponto de partida “a formulação de uma alternativa revolucionária humanística e universal” (Santos, 2011, p. 82).

Na década de 1970, as ações coletivas passaram a ter mais força entre os indivíduos, e os movimentos sociais foram compreendidos como “uma expressão de interesses partilhados dentro de uma situação estrutural comum” (Melucci, 1989, p. 51). Após a década de 1970, o estudo dos movimentos sociais passou a ter como foco as ações e relações que ocorriam em seu interior, buscando compreender seus principais valores e pressupostos por meio das relações desenvolvidas entre seus indivíduos. Na virada para o século XXI, o termo movimentos sociais passou a identificar um conjunto de indivíduos que lutavam de forma contrária ao poder opressivo, sendo organizados por meio de uma ação popular (Tilly, 2010; Touraine, 1989).

Na abordagem dos movimentos sociais, “os fenômenos empíricos da ação coletiva são um objeto de análise unificado e significativo em si próprio e que pode dar, quase diretamente, explicações satisfatórias sobre as origens e a orientação de um novo movimento” (Melucci, 1989, p. 56). Assim, ainda que possa ser identificada a importância individual de cada sujeito envolvido em um movimento social, são as perspectivas e os valores sociais desenvolvidos em conjunto, a partir dos interesses em comum de um grupo, que constituem os fundamentos e pressupostos de um movimento social.

O movimento feminista tomou força no Brasil na década de 1980 e provocou profundas e importantes mudanças no papel da mulher na sociedade, reformulando as hierarquias existentes entre os gêneros (Santos, 2011). Nesse cenário, o feminismo se tornou uma importante rede de enfrentamento à subordinação social das mulheres, lutando pela igualdade entre os gêneros em todas as esferas da sociedade (Mallmann; Oliveira, 2023; Brabo, 2015). Algumas demandas do movimento feminista foram, aos poucos, sendo conquistadas e, durante esse processo, novas demandas foram surgindo, mais específicas e interconectadas com outros indicadores sociais além do gênero, como raça, classe, sexualidade e local de origem, o que deu início a um novo momento no movimento feminista.

As mulheres passaram a questionar suas condições e a compreender que as demandas feministas poderiam se alterar de mulher para mulher, em razão dos diferentes contextos vivenciados por elas. Esse cenário fez com que determinados grupos de mulheres passassem a reivindicar diferentes mudanças relacionadas às suas realidades individuais (Marques; Xavier, 2018). Por meio desse entendimento, foi possível identificar diferentes coletivos de mulheres com lutas específicas, sendo essa a realidade do ambiente acadêmico, no qual existem “obstáculos culturais, políticos, organizacionais e sociais que impedem as mulheres de atingirem todo o seu potencial” (Machado-Taylor; White; Gouveia, 2014, p. 365).

Apesar de a mulher ter conquistado seu lugar no mercado de trabalho, os homens continuaram a não realizar as tarefas domésticas, o que fez com que elas precisassem equilibrar os dois papéis – o de profissional e pesquisadora e o de mãe e dona de casa (Almeida, 2011; Ferreira; Casagrande, 2016). Essa realidade as deixou sobrecarregadas, interferindo em seu progresso profissional, e fazendo com que o desenvolvimento de suas carreiras fosse perpassado por barreiras em razão do gênero (Velho; León, 1998). Esse contexto se interconecta com a definição do conceito de gênero sugerida por Saffioti (2015), segundo a qual, o gênero é um conceito construído social e culturalmente como forma de estabelecer normas e responsabilidades que devem ser seguidas por cada um dos gêneros. Assim, tem-se que as tarefas domésticas e de cuidado dos filhos são responsabilidades das mulheres, enquanto os homens ocupam espaços de poder e de decisões políticas, sendo colocados como superiores intelectualmente em relação às mulheres (Saffioti, 2015).



A partir dessa realidade, foram surgindo movimentos sociais com foco em apoiar as mulheres durante o desenvolvimento de suas carreiras acadêmicas. Velho e León (1998, p. 315-316) afirmaram que esses movimentos específicos são essenciais para compreender os desafios das mulheres na academia, sendo preciso “considerar fatores tais como processos de socialização para papéis sexuais, conflitos família-trabalho, níveis de investimento na educação feminina e mecanismos de discriminação”. Torres, Sant’Ana e Maciel (2015) enfatizaram, ainda, a importância de desenvolver formas de apoio que garantam que as mulheres permaneçam na academia, pois elas têm papel fundamental no desenvolvimento da pesquisa e da ciência, introduzindo novas formas de pensar e de questionar.

Teoria dos novos movimentos sociais

A partir da década de 1960, quando os movimentos sociais deixaram de ser caracterizados somente como organizações sindicais, houve a necessidade de desenvolver novas abordagens teóricas que pudessem conceitualizar esses novos movimentos. A teoria dos novos movimentos sociais passou a ser abordada nesse contexto, como uma forma de “combater a perspectiva teórica marxista, sobretudo a centralidade da luta de classes” (Hirata; Cícero, 2011, p. 152). Isso porque, segundo os autores, o marxismo tinha como objetivo o entendimento da ação coletiva apenas no nível das classes sociais, com foco em uma perspectiva mais ampla, não identificando os aspectos individuais da vida do sujeito que também podem influenciar no desenvolvimento dos movimentos sociais (Hirata; Cícero, 2011).

A teoria dos novos movimentos sociais teve início a partir dessa necessidade de compreender não somente a luta do movimento como um todo, mas também a identidade dos indivíduos envolvidos, enxergando-a como um conceito-chave para a análise (Silva, 2010). Além do conceito de identidade, sua construção teórica baseia-se também no conceito de cultura, eliminando “a centralidade de um sujeito específico e predeterminado, e vendo os participantes das ações coletivas como atores sociais”, que podem ser analisados por meio de dois aspectos: o primeiro, a partir de suas ações coletivas, e o segundo, através da identidade coletiva criada no processo (Gohn, 1997, p. 123).

Portanto, são os atores sociais envolvidos que produzem a ação coletiva, tendo a identidade coletiva um papel central nessa abordagem teórica (Gohn, 1997). Alonso (2009, p. 63) indicou que os novos movimentos sociais são voltados para “a afirmação de identidades e para a preservação da autonomia e das formas de vida”. Dessa forma, a teoria não busca somente o entendimento dos movimentos sociais, mas também da cultura do local onde esse movimento foi desenvolvido e a identidade dos sujeitos envolvidos, identificando o que os motiva a fazer parte.

Na abordagem dos novos movimentos sociais, “os sujeitos providos de capacidade revolucionária são os atores sociais agrupados num coletivo difuso e não hierarquizado, cujo principal elemento diz respeito à construção de identidades” (Hirata; Cícero, 2011, p. 155). Assim, identificou-se a importância de compreender o contexto cultural que pode influenciar as identidades sociais relacionadas com os movimentos sociais, já que “a identidade coletiva tem centralidade nas explicações da teoria dos novos movimentos sociais” (Gohn, 1997, p. 123). Nesta perspectiva, os novos movimentos sociais “se apresentam mais descentralizados, sem hierarquias internas, com estruturas colegiadas, mais participativos, abertos, espontâneos e fluídos, atuando mais como redes de troca de informações e cooperação”. Ainda assim, passam por momentos de conflitos, o que é um aspecto normal, já que se encontram em um processo de construção da identidade (Gohn, 1997, p. 126).

Gohn (1997) concluiu que a teoria dos novos movimentos sociais pode ser considerada uma abordagem construtivista, já que tem como base principal os movimentos sociais que se diferem daqueles estudados pelo paradigma clássico marxista. A autora enfatizou que essa teoria é frequentemente aplicada para o “estudo dos movimentos de estudantes, mulheres, gays, lésbicas e em todo o universo das questões de gênero e das minorias raciais e culturais” (Gohn, 1997, p. 128). Essa característica apoia a aplicação da teoria dos novos movimentos sociais nesta pesquisa, já que se trata de uma abordagem adequada para a compreensão dos movimentos sociais de gênero e do papel da mulher na academia.

Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa caracterizou-se como do tipo qualitativa, visando compreender não somente os fenômenos e as ações que envolvem os



sujeitos, mas também o ambiente e o contexto em que essas ações ocorreram (Godoy, 1995). O posicionamento epistemológico “relaciona-se com a forma pela qual acredita-se que o conhecimento é gerado” e é fundamental para as pesquisas científicas que têm como foco a construção de novos conhecimentos e a ampliação dos estudos sobre diversos temas (Saccol, 2009, p. 253). A partir da característica construtivista da teoria dos novos movimentos sociais, esta pesquisa baseou-se em uma epistemologia construtivista, que compreende que “não existe uma realidade objetiva esperando ser descoberta, verdades e significados não são descobertos, mas construídos” (Saccol, 2009, p. 253). Nessa perspectiva, uma epistemologia construtivista admite que as ações e significados dos sujeitos já estão neles, porém, é a construção de processos mentais e de entendimentos sobre essas ações que permite o desenvolvimento de significados.

Em razão do foco do estudo no movimento social *Parent in Science*, a pesquisa abordou as fundadoras para compreender os aspectos da criação e organização do movimento. O movimento foi fundado por sete pesquisadores, seis mães e um pai, tendo a ideia partido de uma dessas fundadoras. A pesquisadora que teve a ideia de fundar o movimento concedeu uma entrevista para esta pesquisa, assim como uma das outras fundadoras, sendo realizadas duas entrevistas. As entrevistadas foram identificadas na seção de resultados como E1 e E2.

O contato inicial com as fundadoras se deu por meio da rede social *Instagram*, na qual foi enviada uma mensagem para a página do *Parent in Science* apresentando o objetivo da pesquisa. Uma das fundadoras do movimento respondeu a mensagem, ainda por meio da rede social, e aceitou contribuir. Essa primeira fundadora, com quem se deu o contato inicial, indicou uma segunda, que também aceitou participar da pesquisa. As entrevistas foram realizadas no formato *online*, com o apoio da plataforma *Google Meet*, gravadas e, posteriormente, transcritas.

Além das entrevistas, foi realizada também uma pesquisa documental no *site* eletrônico¹ e nas redes sociais² do movimento, com o objetivo de reunir informações sobre suas ações. De acordo com Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), o uso de documentos na pesquisa possibilitou a observação do fenômeno estudado por meio de sua evolução ao longo do tempo. Assim, foram coletadas informações

¹ <https://www.parentinscience.com/>

² <https://www.instagram.com/parentinscience/>

relacionadas ao processo de atuação, às ações desenvolvidas e aos resultados já gerados pelo movimento no ambiente acadêmico.

Para análise dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo seguindo as diretrizes de Minayo (2000), que afirmou que sua realização ocorre em três etapas. Na primeira etapa, a pré-análise, foi realizada a leitura flutuante dos dados, em que se passou visualmente pelo texto, sem seguir linha por linha, com o objetivo de captar as ideias gerais. Após esse processo, foi feita a organização do material, em que foram identificados os principais temas observados por meio da leitura flutuante. Esses temas foram agrupados em possíveis categorias e/ou subcategorias, que posteriormente foram divididas nos temas centrais discutidos nos resultados. Na segunda etapa, a exploração do material, foi feito o recorte e a classificação do texto em categorias que garantiram a especificação dos temas. Na última etapa, o tratamento dos resultados obtidos e interpretação, os resultados passaram por uma análise em torno das dimensões teóricas (Minayo, 2000). Após a realização dessas três etapas, os dados foram divididos em categorias que identificaram os resultados da pesquisa, possibilitando que fossem discutidos e relacionados com a abordagem teórica, garantindo o alcance dos objetivos.

O movimento social *Parent in Science*

O movimento social *Parent in Science* foi fundado no ano de 2016 por sete pesquisadores, sendo seis mulheres e um homem. A motivação para o início do movimento veio de uma das fundadoras que, após se tornar mãe e passar um período sem produzir e sem publicar em razão da licença maternidade, observou dificuldades para avançar em sua carreira, encontrando barreiras na participação de editais de financiamento de pesquisas. A fundadora começou a discutir o tema com colegas próximas e observou que essas dificuldades eram realidade na trajetória da maioria das mulheres acadêmicas que se tornavam mães.

Lá em 2016, eu tava com os meus dois filhos e a situação bem difícil de manter o laboratório, de ter alunos, de ter financiamento. Aí eu comecei a conversar com pessoas próximas e a gente viu que, na verdade, não era só eu, não era algo que só eu tava passando (E1).



A motivação veio toda da E1. Ela começou a falar bastante sobre o quanto a maternidade tava impactando na carreira dela, e eu também tinha acabado de parir a minha primeira filha, enfrentei muitas coisas também, e o meu Currículo Lattes tinha um buraco no meio. Aí foi dela a ideia de criar o *Parent* (E2).

A fundação do movimento aconteceu por meio das experiências vivenciadas por mulheres dentro da academia, sendo seu desenvolvimento baseado na cultura do seu local de início, ou seja, o ambiente acadêmico. A cultura acadêmica, focada na produtividade, coloca a mulher em uma posição desfavorável dentro desse ambiente (Velho; León, 1998), fazendo com que ela tenha dificuldades em equilibrar sua vida pessoal com sua vida acadêmica (Almeida, 2011). O *Parent in Science* foi influenciado pela identidade das sujeitas envolvidas e por seus valores pessoais, de forma que sua motivação foi individual, ainda que se trate de um movimento social. Essas caracterizações relacionam-se com a teoria dos novos movimentos sociais, que identificou essa interconexão entre os sujeitos que atuam como atores sociais em busca de uma mudança no contexto cultural em que estão inseridos (Hirata; Cícero, 2011; Gohn, 1997).

Ao tentar conciliar maternidade e carreira acadêmica, as fundadoras identificaram desafios que impossibilitavam o progresso na carreira em razão do período sem produzir por estarem de licença maternidade. Essa realidade foi discutida na literatura por autores como Ferreira e Casagrande (2016), Santos (2011) e Morón (2018), que indicaram a dificuldade da mulher em voltar à sua rotina de trabalho normal após o fim da licença maternidade. No ambiente acadêmico, esse processo ocorre em razão da cobrança de produtividade somada à estrutura da sociedade, que coloca as mulheres como responsáveis pelo trabalho doméstico e pelo cuidado dos filhos, fazendo com que elas encontrem dificuldades em conciliar o trabalho acadêmico com essas atividades.

Desde sua criação em 2016, a atuação do *Parent in Science* cresceu na academia, alcançando mais pesquisadoras interessadas em fazer parte do movimento. Para isso, em 2020, foi realizado um edital que apresentou uma série de características necessárias para compor o grupo de pesquisadores do movimento. Nesse edital, candidataram-se pouco mais de 100 cientistas, dos quais 90 foram acolhidos e passaram a atuar no *Parent in Science*. Alguns desses pesquisadores se desvincularam ao

longo do tempo e, no momento desta pesquisa, o movimento conta com 88 participantes que atuam diretamente nas ações desenvolvidas.

Além desses 88 pesquisadores, existem também aqueles que atuam como embaixadoras e embaixadores do movimento. De acordo com o descrito no *site* do *Parent in Science*, o programa de embaixadores foi criado a partir do entendimento de que o Brasil é um país com realidades muito diferentes, o que tornou necessário o apoio de embaixadores que permitam o planejamento e a realização de ações condizentes com a realidade de cada local. O programa de embaixadores visou levar o trabalho do *Parent in Science* para todas as regiões do país, garantindo que as ações e a abordagem do tema fossem apropriadas para a cultura de cada local.

Os embaixadores realizam duas principais ações: a criação de grupos de trabalho em suas instituições, promovendo a discussão sobre o tema e visando a implementação de políticas locais de apoio às mães; e a promoção de mudanças institucionais que incluem: encorajar a participação das mulheres na ciência; apoiar pesquisadoras que são mães; promover a igualdade de gênero na composição das comissões de avaliação e nos espaços de decisão dentro das instituições; sensibilizar a comunidade acadêmica sobre viés implícito e a construção de estereótipos de gênero; combater o assédio moral e sexual; e garantir a admissão e permanência de alunas que são mães nos cursos de graduação e pós-graduação (Parent in Science, 2020). Ao total, o movimento possui 72 embaixadores e embaixadoras de 53 instituições de ensino e pesquisa, localizadas em 18 estados e no Distrito Federal.

Apesar de ser um movimento que engloba um número considerável de participantes, identificou-se que o *Parent in Science* é organizado e gerenciado por um núcleo central, e suas decisões são centradas em uma das fundadoras que é a coordenadora do movimento, sendo a principal responsável pelo planejamento das ações desenvolvidas. Além desse núcleo central, o *Parent in Science* possui outros núcleos internos que são responsáveis por determinadas atividades e ações dentro do movimento. A comunicação interna em cada núcleo e entre eles é feita principalmente com o apoio da ferramenta *WhatsApp*, e somente informações mais formais são encaminhadas via e-mail, sendo raros os encontros ao vivo.

O *Parent* hoje tá organizado em núcleos. A gente tem um núcleo central que sou eu e mais 15 cientistas, que são as pessoas que



formaram o movimento comigo e algumas pessoas que, ao longo do tempo, eu fui convidando pra fazer parte. Esse núcleo central é quem coordena todas as nossas ações, quem de fato aparece mais e propõem as coisas. E a gente tem os núcleos regionais (E1).

A gente vai resolvendo mais em tempo real pelo *WhatsApp*, e é aquela coisa: cada um com os seus horários. O *Parent* não pode ser mais uma obrigação, um peso na nossa vida, porque a gente tá justamente pra combater um pouco disso (E2).

Em razão do alto número de pesquisadores sob a gestão de um número limitado de pessoas, foi possível observar uma dificuldade de gerenciamento, em que diferentes demandas dependem da apreciação do núcleo central. Nesse cenário, as entrevistadas indicaram que, apesar da solicitação de pesquisadores que gostariam de participar do movimento, não são abertos novos editais para a seleção de membros, devido ao fato de já existir um número considerável de pesquisadores sob a coordenação, principalmente, de apenas uma pessoa.

O *Parent in Science* foi fundado com o objetivo de desenvolver ações para que a maternidade não seja caracterizada como uma barreira para o progresso das mulheres cientistas. Com esse propósito, o movimento desenvolveu diferentes ações que foram responsáveis por mudanças significativas no meio acadêmico.

Ações desenvolvidas pelo *Parent in Science*

O *Parent in Science* foi responsável pelo desenvolvimento de uma série de ações e políticas no cenário nacional da pesquisa acadêmica. Entre essas ações, as fundadoras citam: projetos de extensão; realização de eventos e seminários sobre maternidade na ciência; produção de pesquisas sobre o tema; avaliação da bolsa produtividade do CNPq; e auxílio financeiro para estudantes mães da graduação e da pós-graduação por meio do Programa Amanhã.

Por meio do *site* eletrônico do movimento, observou-se que as ações desenvolvidas podem ser divididas em quatro grandes blocos: as produções, que incluem o desenvolvimento de artigos científicos, manuais e guias relacionados à maternidade no ambiente acadêmico; a organização e realização de eventos, *workshops* e simpósios; a avaliação

da distribuição das bolsas de produtividade em pesquisa (PQ) do CNPq sob o olhar da diversidade; e o Programa Amanhã. Além desses quatro blocos, as entrevistadas ainda citaram a ação intitulada “Maternidade no Lattes”, uma das mais importantes conquistas do movimento, que permitiu a inclusão da licença maternidade no Currículo Lattes. O primeiro bloco de ações tratou das produções desenvolvidas pelo *Parent in Science*.

As ações do *Parent* se dividem em gerar dados e conhecimentos, difundir esses dados pensando na questão da interseccionalidade e atuar diretamente com as pessoas que tomam as decisões e criam essas políticas (E1).

A gente faz pesquisas sobre a questão da maternidade no ambiente acadêmico brasileiro; divulgação de artigos das nossas problemáticas; e a gente fala muito das interseccionalidades (E2).

As produções são de três tipos: artigos científicos, manuais e guias. Em relação aos artigos científicos, alguns deles podem ser acessados diretamente no *site* eletrônico do *Parent in Science*, enquanto outros tiveram seu *link* de acesso disponibilizado por meio da página do movimento na rede social *Instagram*. Todos os artigos científicos trataram da questão da maternidade no ambiente acadêmico e das barreiras em torno do progresso na carreira acadêmica de pesquisadoras que são mães. Essa relação, foco do *Parent in Science*, indicou que fatores externos à academia impactam as trajetórias das pesquisadoras, aspecto que foi apontado na literatura por Torres, Sant’Ana e Maciel (2015) e por Velho e León (1998).

A cultura da maternidade na sociedade colocou as mulheres como responsáveis pelo cuidado dos filhos e pelas atividades domésticas. Essa realidade foi interconectada com as relações de gênero, que indicam que homens e mulheres possuem responsabilidades pré-determinadas somente em razão de suas características biológicas (Ferreira; Casagrande, 2016; Saffioti, 2015). Dessa forma, para compreender o trabalho do *Parent in Science* foi preciso entender essa estrutura na qual as mulheres estão inseridas, aspecto fundamental também para a teoria dos novos movimentos sociais (Hirata; Cícero, 2011). Assim, observou-se a existência de uma cultura que as diminui e reduz suas capacidades como pesquisadoras, desenvolvendo barreiras que precisam ser



visualizadas e discutidas em busca de uma mudança social que permita o progresso da carreira acadêmica sem empecilhos relacionados ao gênero.

O *Parent in Science* também desenvolveu guias e manuais com o objetivo de facilitar o acesso às informações sobre as questões relacionadas à maternidade no ambiente acadêmico. Esses guias e manuais foram direcionados às instituições de ensino, aos organizadores de eventos científicos e à academia de uma maneira geral. São eles: como instituições podem apoiar as mães estudantes; como instituições podem apoiar as mães na ciência; estratégias para o combate à discriminação e ao assédio; guia para oferecimento de recreação em eventos científicos; manual para mães docentes e pesquisadoras; manual para mães na graduação e pós-graduação; mulheres e maternidade no ensino superior no Brasil. Todos os guias e manuais foram elaborados com o mesmo objetivo: discutir a maternidade no ambiente acadêmico.

De acordo com Tarakanovskaya (2022), uma das barreiras que as mulheres pesquisadoras enfrentam no desenvolvimento de suas carreiras é a participação em eventos científicos, já que muitas vezes elas não possuem apoio externo ou pessoas com quem possam deixar seus filhos para participar desses encontros com seus pares na academia. Nesse cenário, enfatizou-se a importância do guia para o oferecimento de recreação em eventos científicos, iniciativa que permitiu que essas mulheres participassem dos eventos, mesmo sem apoio no cuidado de seus filhos.

A teoria dos novos movimentos sociais buscou compreender a cultura do ambiente no qual o movimento se estabeleceu, assim como outros aspectos que influenciaram sua formação e desenvolvimento (Silva, 2010). O guia para oferecimento de recreação em eventos científicos indica soluções práticas para a diminuição das barreiras que as pesquisadoras mães encontram em suas trajetórias. Por meio de ações como essa, o *Parent in Science* atua para construir uma nova cultura no ambiente acadêmico, em que as pesquisadoras mães tenham mais oportunidades para participar de todas as ações relacionadas às suas pesquisas científicas. O desenvolvimento de ações desse tipo permite caracterizar os membros do *Parent in Science* como atores sociais que visam mudar o contexto acadêmico (Gohn, 1997). O segundo bloco de ações desenvolvidas pelo *Parent in Science* tratou da realização de eventos, *workshops* e simpósios.



Criação de políticas de apoio pensando na questão da parentalidade e a promoção de eventos (E1).

A gente sempre promove oficinas pra meninas e mulheres na ciência, e a gente também promove congressos e simpósios (E2).

A maior parte desses eventos foi realizada no formato *online*, o que permitiu que mais pesquisadoras tivessem a possibilidade de participar, porém, alguns foram realizados presencialmente com o apoio de instituições de ensino e desenvolvidos como atividades de extensão. Assim como as produções, todos os eventos já realizados pelo *Parent in Science* até o ano de 2025 também estão disponíveis no *site* eletrônico do movimento, juntamente com a descrição dos seus objetivos e as informações de data e horário. Esses eventos ocorreram entre os anos de 2018 e 2025, assim, muitos já haviam sido realizados quando esta pesquisa foi produzida, mas as informações ainda estavam disponíveis no *site* como um informativo das ações desenvolvidas pelo movimento, descritas na Tabela 1.

Tabela 1 – Eventos, *Workshops* e Simpósios realizados pelo *Parent in Science*

EVENTO / WORKSHOP / SIMPÓSIO	DESCRIÇÃO
Roda de conversa – Que culpa tenho eu?	Discussões abertas sobre as pressões e culpas enfrentadas pelas mães; Compartilhamento de histórias e experiências reais; Reflexões sobre a conciliação entre a maternidade e a carreira.
Entre Linhas	Buscou romper com o silêncio em torno das vivências das mães na academia. Suas experiências, dores e batalhas são sentidas por todas.
Políticas de apoio na academia para mães e pais de pessoas com deficiência	<i>Workshop</i> dedicado a discutir e promover a conscientização sobre os direitos e as lutas das mães e pais de pessoas com deficiências que atuam ou estudam nas áreas acadêmicas e de pesquisa no Brasil.
Desigualdades na ciência brasileira: gênero e raça nas bolsas de produtividade em pesquisa	<i>Workshop</i> dedicado a discutir o panorama atual e histórico das desigualdades de gênero e raça na academia e na ciência brasileira, tendo como ponto de debate a distribuição das bolsas de produtividade em pesquisa (PQ) do CNPq.
Viés de gênero na academia e na ciência: o que a neurociência	Evento para explorar e investigar a interseção entre o ambiente científico e a maneira como percebemos o



tem a revelar?	mundo ao nosso redor.
Os direitos das mães nas instituições de ensino e pesquisa no Brasil	<i>Workshop</i> dedicado a discutir e promover a conscientização sobre os direitos das mães que atuam ou estudam nas áreas acadêmicas e de pesquisa no Brasil.
	Aconteceu em 2018.
I Simpósio brasileiro sobre maternidade e ciência: presente e futuro nas instituições de pesquisa	Contou com mais de 100 participantes de todo o Brasil e de diferentes áreas; e 20 palestrantes nacionais e internacionais.
	Foi um marco na luta pelas conquistas relacionadas à parentalidade e carreira científica no Brasil.
	Aconteceu em 2019.
II Simpósio brasileiro sobre maternidade e ciência: avanços nas instituições de pesquisa brasileiras	Contou com 151 participantes de todo o país e de diferentes áreas; e 18 palestrantes.
	Aconteceu em 2021.
III Simpósio brasileiro sobre maternidade e ciência: parentalidade plurais	Aprofundou o debate sobre a carreira acadêmica e as intersecções entre gênero, raça/etnia, sexualidade e parentalidade de filhos com deficiência.
	Aconteceu em 2024.
IV Simpósio brasileiro sobre maternidade e ciência	Ofereceu uma plataforma única para discussão e reflexão sobre os desafios e oportunidades que permeiam a interseção entre maternidade e vida acadêmica.
Oficina Métodos ágeis aplicados à escrita acadêmica	Oficina pensada para quem deseja escrever com mais autonomia, clareza e propósito, sem cair na armadilha de produzir mais a qualquer custo.

FONTE: Baseado no site eletrônico do *Parent in Science* (2025).

Os eventos caracterizaram-se como importantes espaços para o encontro das mães pesquisadoras e para a discussão sobre suas realidades no ambiente acadêmico. Essas discussões permitiram o desenvolvimento de ações com foco em realizar mudanças sociais dentro da academia. Entendimento apoiado por Melucci (1989), que indicou como os fenômenos empíricos desenvolvidos por meio de uma ação coletiva podem proporcionar orientações para um novo movimento. Assim, o desenvolvimento desses eventos garantiu que as pesquisadoras se encontrassem, discutissem e propusessem ações coletivas capazes de gerar mudanças significativas no ambiente acadêmico.

Outra ação desenvolvida pelo *Parent in Science* foi realizada em conjunto com o CNPq, no qual o movimento acompanhou e avaliou a distribuição das bolsas de produtividade em pesquisa (PQ) do CNPq sob o olhar da diversidade. Por meio dessa ação, o movimento realizou um estudo de caso, de forma a “incitar discussões produtivas, inspirar ações



para promover a igualdade de oportunidades e contribuir para um ambiente acadêmico mais diverso, inclusivo e justo para todos os pesquisadores no Brasil” (Parent in Science, 2023, p. 2). Os resultados obtidos pelo movimento por meio do estudo foram organizados e disponibilizados à comunidade científica por meio de um relatório³ arquivado no *site* eletrônico do *Parent in Science*.

Na análise, indicou-se uma série de problemas com relação à distribuição das bolsas PQ, como: baixa representação das mulheres, desigualdade racial acentuada para pessoas negras e indígenas, desigualdade regional e de áreas do conhecimento, falta de dados sobre pessoas com deficiência, parentalidade e outras intersecções, e mudanças muito pequenas em um longo período. O movimento afirmou que esses resultados indicaram a necessidade de criar “uma comunidade acadêmica mais inclusiva e justa, em que haja ações concretas e efetivas para mudar esse cenário” (Parent in Science, 2023, p. 20). Com esse objetivo, foi formulado um plano de ação direcionado ao CNPq e à comunidade acadêmica para a diminuição das desigualdades nas bolsas PQ, descrito na Tabela 2.

Tabela 2 – Plano de ação para diminuição das desigualdades nas bolsas PQ

CNPq	Instituições de Ensino e Pesquisa, Sociedades Científicas e Comunidade Acadêmica
Implementar uma política institucional explícita de equidade, incluindo a definição de metas e ações afirmativas para aumentar a representatividade de grupos historicamente sub-representados. Criar um grupo de trabalho para avaliação e monitoramento da distribuição das bolsas de produtividade em pesquisa.	Garantir a indicação de membros considerando a diversidade.
Ampliar o número de bolsas concedidas, em especial aos níveis mais altos.	Estimular e apoiar a submissão de propostas de pessoas dos grupos sub-representados.
Atualizar os formulários de cadastro de pesquisadores para inclusão de informações sobre parentalidade, deficiências e identidade de gênero.	Promover a conscientização sobre a importância da equidade e diversidade na
Garantir uma composição diversa, considerando gênero, raça e regionalidade.	
Revisar os critérios de julgamentos gerais para concessão	

³ <https://www.parentinscience.com/bolsaspq>



das bolsas de produtividade em pesquisa. Inclusão de regra obrigatória para consideração da maternidade na avaliação de currículo. Tornar o processo de avaliação dos pedidos de bolsas de produtividade em pesquisa mais transparente e acessível a todos os candidatos, com informações claras sobre as políticas de equidade em vigor.	ciência, e fornecer educação sobre essas questões para toda a comunidade acadêmica, incluindo a discussão sobre viés implícito e estereótipos.
Criar comitê de EDI (Equidade, Diversidade e Inclusão) que promova a conscientização sobre as desigualdades existentes na academia e na ciência brasileira, buscando o desenvolvimento de medidas efetivas para mitigação destas desigualdades, bem como o acompanhamento constante das medidas implementadas.	

FONTE: Adaptado de *Parent in Science* (2025).

A mudança que o movimento busca colocar em prática no ambiente acadêmico não pode ser realizada de maneira individual, é necessária a movimentação de todos os órgãos e instituições que possuem influência na academia, para que trabalhem em conjunto em busca de um ambiente mais igualitário para as mulheres. A atuação do *Parent in Science* em parceria com o CNPq é fundamental para o engajamento em torno das discussões sobre maternidade e parentalidade no ambiente acadêmico. Porém, mesmo estando em contato com organizações fundamentais para a tomada de decisão nesse ambiente, o *Parent in Science* ainda enfrenta uma série de barreiras para colocar suas ações em prática. Uma dessas barreiras foi identificada na fala de um dos representantes do CNPq, que afirmou em um evento que o movimento “atrapalha muito” (Sander, 2024)⁴.

Essa afirmação indicou a necessidade de uma mudança interna na academia, que permita compreender que a maternidade não pode e não deve ser uma barreira para o desenvolvimento da carreira de mulheres cientistas. O trabalho do *Parent in Science* é um primeiro passo em busca dessa transformação, porém, é preciso o envolvimento de toda a comunidade científica. Atualmente, essa é uma barreira para o movimento, que, apesar de ter acesso aos órgãos acadêmicos, não encontra abertura para o desenvolvimento de ações em conjunto que englobem toda a academia brasileira. Outra ação do *Parent in Science* foi o desenvolvimento do Programa Amanhã.

4

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao/noticia/2024/02/presidente-do-cnpq-afirma-que-movimento-que-pede-equidade-para-maes-na-ciencia-atrapalha-muito-clsass6f0044015hvcnv6916.html>

Programas de bolsas voltadas para estudantes mães. Em 2021, foram alunas de pós-graduação, e em 2022 e 2023, alunas de graduação. Esse programa é uma sinalização de como essa é uma política importante para as alunas, a questão financeira das mães que são estudantes, principalmente as mães da graduação, é algo crucial (E1).

O Edital Amanhã é um edital voltado a uma colaboração financeira, um financiamento de mulheres mães para que elas possam permanecer na pesquisa (E2).

No site eletrônico do *Parent in Science*, o Programa Amanhã foi definido como uma “forma de garantir a permanência das alunas mães no ensino superior, bem como a conclusão dos cursos” (Parent in Science, 2023). Com esse objetivo, o Programa Amanhã surgiu como uma forma de apoiar as mães e alunas da graduação e pós-graduação por meio do auxílio financeiro. Ambas as entrevistadas afirmaram que esse projeto é fundamental para o cenário acadêmico brasileiro, principalmente em razão de atuar também na graduação, já tendo apoiado 53 mães.

O último edital para inscrição e participação no Programa Amanhã encerrou em outubro de 2023. As entrevistadas indicaram que, em razão do *Parent in Science* não ter um apoio financeiro formal, o programa funciona somente por meio de doações, o que impede a abertura constante de editais em períodos pré-determinados. Ainda assim, o movimento sempre anuncia o programa e mantém aberto o canal no qual as doações podem ser realizadas. Por meio do desenvolvimento do Programa Amanhã, o *Parent in Science* visou enfatizar para a comunidade acadêmica a importância do desenvolvimento de políticas que visam garantir que mães, sem apoio familiar para a conclusão de seus processos de formação, tenham a possibilidade de finalizar sua graduação e/ou pós-graduação por meio do apoio financeiro. Uma última ação realizada pelo *Parent in Science* diz respeito ao projeto Maternidade no Lattes.

A divulgação de campanhas como “Maternidade no Lattes” (E1).

Outro ponto muito importante foi a questão de inserir o campo da maternidade no currículo Lattes, que veio de uma carta que foi entregue ao CNPq por um dos membros do *Parent*, quando fizemos



uma força tarefa muito grande com a sociedade científica se sensibilizando (E2).

O projeto Maternidade no Lattes teve como foco a inclusão do período de licença maternidade no Currículo Lattes, de forma que as mães pesquisadoras pudessem justificar o período em branco sem produção científica em seus currículos, em razão do nascimento de seus filhos. Para isso, pesquisadoras ligadas ao *Parent in Science* redigiram uma carta que foi direcionada ao CNPq, solicitando a inclusão das informações relacionadas à licença maternidade na Plataforma Lattes. Junto com a carta, foi enviado um abaixo assinado que contava com 1.587 assinaturas, entre estudantes de graduação e pós-graduação, docentes e pesquisadoras que apoiaram a manifestação. Ao conseguirem levar a carta ao alcance do CNPq, o *Parent in Science*, através de seus membros que podem ser considerados como sujeitos providos de capacidade revolucionária, como indicou a teoria dos novos movimentos sociais (Hirata; Cícero, 2011), conseguiu que, em abril de 2021, fosse colocado em prática o projeto Maternidade no Lattes, tornando possível a inclusão de informações referentes à licença maternidade no Currículo Lattes.

Ao analisar o Programa Amanhã e o projeto Maternidade no Lattes, observou-se que foram ações que trouxeram mudanças concretas no ambiente acadêmico, fornecendo apoio direto a dezenas de mães por meio do Programa Amanhã e a centenas ou milhares de mães e pesquisadoras por meio do Maternidade no Lattes. Essas conquistas foram alcançadas por meio de movimentações políticas realizadas pelo *Parent in Science*, o que demandou grande esforço de seus membros. Isso porque, os órgãos políticos responsáveis pela tomada de decisão no ambiente acadêmico, colocam barreiras ao contato do movimento e ao desenvolvimento de ações em conjunto que podem favorecer as mulheres acadêmicas, como o Programa Amanhã e o Maternidade no Lattes.

A teoria dos novos movimentos sociais indicou que o surgimento e a fundação de um novo movimento compreende a manifestação de uma identidade coletiva estabelecida pelo grupo (Gohn, 1997; Alonso, 2009). O *Parent in Science* reuniu pesquisadoras que visualizaram a necessidade de alterar a forma como se discutia sobre maternidade no ambiente acadêmico. Assim, a relação entre maternidade e academia

indica a identidade do movimento e seu principal tema de trabalho, que direciona todas as ações em busca de um contexto acadêmico mais igualitário para as mães pesquisadoras.

Contribuições sociais do *Parent in Science*

O acesso das mulheres ao ambiente acadêmico é perpassado por barreiras e desafios colocados a elas somente em razão de seu gênero, o que não permite que elas sejam vistas como capazes de ocupar esses espaços. Quando decidem por seguir carreira acadêmica, vivenciam diversas dificuldades, sendo invisibilizadas no ambiente acadêmico. O *Parent in Science* foi criado com o objetivo de alterar essa realidade, colocando o tema da maternidade em pauta na academia, para que as mulheres inseridas nesse cenário possam, juntas, buscar por um ambiente mais justo e igualitário, como foi indicado pelas fundadoras.

A principal contribuição vem de tirar a maternidade da invisibilidade e deixar muito claro que o problema não é a maternidade, o problema reside num sistema inflexível que a gente tem dentro da academia, e que foi desenvolvido por um grupo muito específico de pessoas que era quem ocupava as universidades e a ciência aqui no Brasil (E1).

A principal contribuição é ter colocado esse assunto em pauta. Na época que a gente teve os filhos e que sentimos isso na pele, cada uma de nós passou por muitas dificuldades relacionadas à maternidade no meio acadêmico, e ninguém falava sobre isso. A partir do momento em que o *Parent* colocou esse assunto, as pessoas começaram a falar (E2).

Observou-se que por meio das ações realizadas pelo *Parent in Science*, a discussão em torno da maternidade no meio acadêmico passou a ter um novo rumo. Por meio das produções científicas e dos eventos desenvolvidos em conjunto com o apoio e o trabalho dos embaixadores e embaixadoras, o *Parent in Science* não só colocou em pauta o tema maternidade, como também conseguiu desenvolver mecanismos que avançassem em busca de uma academia com maior igualdade entre os gêneros. Essas ações tiveram contribuições práticas no cotidiano das mulheres que se dividem entre o ser mãe e ser pesquisadora, como a maior discussão sobre o tema na academia, a



análise das bolsas PQ CNPq junto com a criação de um plano de ação que garanta a inclusão de mais mulheres, o apoio financeiro destinado a estudantes de graduação e pós-graduação *stricto sensu* por meio do Programa Amanhã, e o projeto Maternidade no Lattes, que permitiu a inclusão do período de licença maternidade no Currículo Lattes.

Considerações Finais

Esta pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de compreender como se deu o processo de criação do movimento social *Parent in Science* e quais ações foram e são desenvolvidas em apoio às mulheres e mães pesquisadoras. O *Parent in Science* foi fundado em 2016 por um grupo de sete pesquisadores, seis mães e um pai. A motivação inicial surgiu de uma das fundadoras que a partir de vivências individuais, observou a necessidade de buscar mudanças em relação à maternidade no ambiente acadêmico e, ao conversar com outras pesquisadoras, percebeu que as dificuldades encontradas em sua carreira após o nascimento de seus filhos não era uma situação vivenciada somente por ela, mas por outras mulheres também.

Essa realidade indicou que a questão da maternidade na academia é um fator estrutural, baseado nas desigualdades de gênero que fazem parte da cultura da sociedade. Na teoria dos novos movimentos sociais, a cultura na qual o movimento foi fundado e se estabeleceu é um aspecto essencial para o seu entendimento (Gohn, 1997). Observou-se, por meio da abordagem teórica, que o *Parent in Science* surgiu a partir de um cenário construído culturalmente, por meio de valores e crenças que foram colocados em prática pela população em geral, muitas vezes sem reflexões sobre essas práticas.

A teoria dos novos movimentos sociais buscou compreender a identidade do movimento que está sendo analisado (Alonso, 2009). O *Parent in Science* foi fundamentado em torno do desenvolvimento de propostas que gerem mudanças para as mães pesquisadoras no ambiente acadêmico. Considerou-se que a identidade do movimento está relacionada, justamente, a essa busca por transformações sociais que garantam um cenário mais igualitário para as mulheres cientistas.

Identificou-se também que o movimento possui outras características relacionadas com os pressupostos da teoria dos novos

movimentos sociais, como: os sujeitos participam do movimento como atores sociais que buscam, na prática, as transformações que reivindicam; o agrupamento de indivíduos é não hierarquizado, no qual não existe uma pressão interna para o desenvolvimento de ações, fazendo parte do movimento somente aqueles indivíduos engajados que realmente querem contribuir para mudar o cenário, o que torna necessária a cooperação entre os indivíduos, para que eles sejam capazes de construir mudanças em conjunto (Hirata; Cícero, 2011).

Por meio das ações e projetos desenvolvidos pelo movimento, foi possível ampliar a discussão sobre maternidade e parentalidade no ambiente acadêmico. Essa discussão levou às mulheres pesquisadoras, o entendimento de que a academia é também um campo que lhes pertence, pois, para que haja mudanças nesse ambiente, é necessário que elas estejam inseridas nesse contexto, sendo essa uma primeira contribuição do movimento. Uma segunda contribuição do *Parent in Science* diz respeito aos eventos realizados para meninas e mulheres na ciência, nos quais elas podem identificar as oportunidades de ingresso no ambiente acadêmico, enxergando essa carreira como uma possibilidade a ser seguida. Essa contribuição está relacionada com uma terceira, em que o movimento garante a essas pesquisadoras, que todas as dificuldades que elas encontram durante sua trajetória acadêmica não dizem respeito à sua capacidade e ao seu mérito, mas são consequências do sistema patriarcal no qual elas estão inseridas.

Referências

ALMEIDA, J. As relações de poder nas desigualdades de gênero na educação e na sociedade. **Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, v. 31, p. 165-181, 2011.

ALONSO, A. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. **Lua Nova**. São Paulo, v. 76, p. 49-86, 2009.

BRABO, T. Movimentos sociais e educação: Feminismo e equidade de gênero. In: DAL-RI, N.; BRABO, T. **Políticas Educacionais, Gestão Democrática e Movimentos Sociais: Argentina, Brasil, Espanha e Portugal**. Editora: Cultura Acadêmica. 2015. p. 109-128.



CANDIDO, Márcia. **Como anda a inclusão de mulheres na ciência brasileira? Três modos de observar os dados.** Nexo Políticas Públicas. 2023. Disponível em: <<https://pp.nexojornal.com.br/opiniaio/2023/Como-anda-a-inclus%C3%A3o-de-mulheres-na-ci%C3%Aancia-brasileira-Tr%C3%AAs-modos-de-observar-os-dados1>>. Acesso em fevereiro de 2025.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO – CNPq. **Painel de Bolsas Produtividade.** 2024a. Disponível em: <<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoibGJiZTU1ZmEtMmMoYSooNTI5LWlzMjgtODIzMTE4MGViN2VkIiwidCI6IjkyYzBjZmE5LTdlOTEtNGVhZC1hYzI5LWNkNDRhMjM4OWIwMSJ9>>. Acesso em fevereiro de 2025.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO – CNPq. **Painel Lattes.** 2024b. Disponível em: <<http://bi.cnpq.br/painel/formacao-atuacao-lattes/>>. Acesso em fevereiro de 2025.

FERREIRA, M.; CASAGRANDE, L. Mulheres na pós-graduação: Qual o lugar delas? **Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia.** Florianópolis. p. 1-17, 2016.

GODOY, A. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GONH, M. Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina. **Cadernos CRH**, v. 21, n. 54, p. 439-455, 2008.

GOHN, M. **Teoria dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos.** Edições Loyola. São Paulo. 1997. 253p.

GOSS, K.; PRODENCIO, K. O conceito de movimentos sociais revisitado. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 1, p. 75-91, 2004.

HIRATA, F.; CÍCERO, P. Apontamentos críticos às teorias dos novos movimentos sociais a partir de uma perspectiva de classe: vidas secas e os muitos “Fabianos”. **Ideias**, n. 2, p. 151-173, 2011.

LACLAU, E. Os novos movimentos sociais e a pluralidade do social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 1, n. 2, 1986.

MACHADO-TAYLOR, M.; WHITE, K.; GOUVEIA, O. Satisfação profissional dos acadêmicos: o gênero importa? **Higher Education Policy**, v. 27, p. 363-384, 2014.

MALLMANN, R.; OLIVEIRA, N. Uma teoria da justiça feminista a partir de Nancy Fraser e Martha Nussbaum. **Revista de Filosofia da PUCRS**, v. 68, n. 1, p. 1-16, 2023.

MARQUES, M.; XAVIER, K. A gênese do movimento feminista e sua trajetória no Brasil. **VI Seminário CETROS – Crise e Mundo do Trabalho no Brasil**, p. 1-14, 2018.

McENTYRE, K.; SHIVER, V.; RICHARDS, K. “É definitivamente algo que você tem que trabalhar rumo a”: um membro do corpo docente do primeiro ano tentativa de gerenciamento de função. **Studying Teacher Education**, v. 18, n. 2, p. 138-157, 2022.

MELUCCI, A. Um objetivo para os movimentos sociais? **Lua Nova**. São Paulo, v. 89, n. 17, p. 49-66, 1989.

MINAYO, M. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. 7ª Edição. São Paulo. 2000. 269p.

MORÓN, N. Discriminación de género en el sistema universitario argentino. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, n. 2, p. 1-18, 2018.

PARENT IN SCIENCE. **As bolsas de produtividade em pesquisa: Uma análise do movimento Parent in Science**. Porto Alegre: Parent in Science, 2023. Disponível em: <www.parentinscience.com/documentos>. Acesso em outubro de 2023.

PARENT IN SCIENCE. Disponível em: <www.parentinscience.com>. Acesso em junho de 2025.



SÁ-SILVA, J.; ALMEIDA, C.; GUINDANI, J. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009.

SACCOL, A. Um retorno ao básico: Compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em administração. **Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria**, v. 2, n. 2, p. 250-269, 2009.

SAFFIOTI, H. **Gênero, Patriarcado, Violência**. 2ª Edição. São Paulo: Expressão Popular. 2015. 160p.

SANDER, I. Presidente do CNPq afirma que movimento que pede equidade para mães na ciência “atrapalha muito”. **Zero Hora**. 2024. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao/noticia/2024/02/presidente-do-cnpq-afirma-que-movimento-que-pede-equidade-para-maes-na-ciencia-atrapalha-muito-clsasss6f0044015hvcnv6916.html>>. Acesso em junho de 2025.

SANTOS, J. Novos movimentos sociais: Feminismo e a luta pela igualdade de gênero. **Revista Internacional de Direito e Cidadania**, n. 9, p. 81-81, 2011.

SCHERER-WARREN, I. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, v. 21, n. 1, p. 109-130, 2006.

SILVA, M. De volta aos movimentos sociais? Reflexões a partir da literatura brasileira recente. **Ciências Sociais Unisinos**. São Leopoldo, v. 46, n. 1, p. 2-9, 2010.

TARAKANOVSKAYA, K. Desequilíbrio de gênero na ciência: Estatísticas objetivos e significados subjetivos. **Revista de Pesquisa de Políticas Sociais**, v. 20, n. 1, p. 53-66, 2022.

TILLY, C. Movimentos sociais como política. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 3, p. 133-160, 2010.

TORRES, A.; SANT'ANA, H.; MACIEL, D. **Estudos de Gênero numa Perspectiva Interdisciplinar**. Editora Mundos Sociais. Lisboa, 2015. 127p.

TOURAINÉ, A. Os novos conflitos sociais: para evitar mal-entendidos. **Lua Nova**. São Paulo, v. 89, n. 17, p. 5-18, 1989.

VELHO, L.; LEÓN, E. A construção social da produção científica por mulheres. **Cadernos PAGU**, v. 10, p. 309-344, 1998.

Science, Gender and Social Movements: The role of Parent in Science

Abstract: The objective of this research was to understand the creation of the parent in science social movement and the actions that were and are being developed to support women mothers and researchers. The theoretical framework used was the theory of new social movements, which focuses on the role, identity, and culture built around the movement. Data were collected through interviews with two founders and documentary research on the movement's website and social media. Parent in science was responsible for carrying out several actions and projects aimed at promoting a more egalitarian academic environment for women researchers. The social impact and contribution of Parent in science to the academic environment are significant. The movement ensured the inclusion of maternity leave in the lattes curriculum and emphasized the topic, removing mothers from invisibility and ensuring that their interests are represented in academia.

Keywords: Social Movements. Gender Relations. Research Mothers. Theory of New Social Movements.



Iasmin RIBEIRO DINIZ,

Doutoranda em Administração pela UFLA. Membro do Núcleo de Estudos em Organizações, Gestão e Sociedade (NEORGS) da UFLA.

Temas de interesse: relações de gênero, relações de poder, teoria feminista e estudo de carreiras.

Mônica CARVALHO ALVES CAPPELLE,

Doutora em Administração pela UFMG, professora titular no Departamento de Administração da UFLA, pesquisadora-líder do grupo de pesquisa NEORGS - Núcleo de Estudos em Organizações, Gestão e Sociedade. Atua nos seguintes temas: relações de trabalho, relações de gênero, subjetividade, identidade, cultura, carreira, relações de poder e poder disciplinar.

Recebido em: 14/04/2025

Aprovado em: 05/10/2025